

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

Filosofia

Fascículo 1
Unidades 1 e 2

Edição revisada 2016

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador
Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Bárbara Sales Castelhana
Marco Antonio Casanova

Atividade Extra

Bárbara Sales Castelhana
Carlos Henrique M. Veloso

Revisão de Língua Portuguesa

Paulo Cesar Alves

Coordenação de
Design Instrucional

Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional

Elaine Perdigão
Heitor Soares de Farias

Rômulo Batista
Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Alessandra Nogueira
Bianca Lima

Juliana Fernandes

Juliana Vieira

Patrícia Seabra

Ronaldo d' Aguiar Silva

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 1 | Introdução à Filosofia 5

Unidade 2 | Quem é o ser humano? 37

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

Como você pode verificar no mapa do Continente Americano e, sobretudo, a espacialização dessas fronteiras é feita por meio de linhas que definem os territórios dos diversos países existentes na América.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, mas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios (fronteiras administrativas, departamentais e distritais). Há também fronteiras que cada país define a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e compreensão do território.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais como: língua nacional, religião, história, cultura, entre outros. Podemos, no entanto, encontrar em alguns países, povos de diferentes culturas que ao longo de sua história passaram por extensões territoriais que no caso dos países americanos, são povos que vivem sob a influência de um poder político central.

Introdução à Filosofia

Fascículo 1
Unidade 1

Introdução à Filosofia

Para início de conversa...

Sejam bem-vindos à Unidade I do curso de Filosofia!

Pretendemos, neste primeiro momento, fazer com que você se familiarize com a Filosofia, conhecendo sua origem, seu sentido, suas questões. Você conhecerá alguns filósofos e entrará em contato com seus pensamentos, visões de mundo e dilemas.

Você compreenderá que existem diferentes formas de conhecimento, e que a Filosofia é uma delas, sendo caracterizada, antes de tudo, pela sua **criticidade**.

Criticidade

Qualidade do que é crítico.

Além disso, vamos tentar desfazer aquela visão preconceituosa que algumas pessoas ainda têm sobre a filosofia ser uma “viagem”, coisa de quem não tem o que fazer, e que fica apenas divagando sobre questões inúteis ou impossíveis de serem respondidas.

Veremos que, ao contrário, a Filosofia constitui um saber muito importante que nos ensina a questionar essa realidade que parece ser um dado objetivo. Considerá-la assim, objetiva, pode fazer com que a aceitemos de modo passivo. Mas, se nos tornarmos capazes de refletir e questionar, poderemos nos tornar verdadeiramente cidadãos e, desse modo, intervir e lutar por um mundo melhor.

Objetivos de aprendizagem

- Contextualizar historicamente o surgimento da Filosofia na Grécia;
- Situar a Filosofia como uma das dimensões para compreender e transformar o homem e o mundo;
- Distinguir o pensamento mítico do pensamento filosófico, identificando elementos que indiquem a ruptura e a continuidade entre Mito e Filosofia.

Seção 1

Apenas (mais) uma forma de introdução à Filosofia

Já dizia Wittgenstein que “a Filosofia não é uma *doutrina*, mas uma *atividade*”. E ele estava certo. Diferentemente das outras disciplinas, a Filosofia não se encontra limitada por seu objeto de estudo, mas revela-se como uma forma especial de pensamento que, apesar de, em si mesma, não possuir um conteúdo (pré)determinado, pode pôr-se a refletir e a questionar todos os segmentos da atividade humana.

O termo grego Filosofia (*philosophia*) é a expressão do amor ao conhecimento e da busca incansável do homem pelo sentido e fundamento de todas as coisas.

Por um lado, distingue-se da religião, uma vez que não assenta suas bases na fé ou na crença, mas na razão. Por outro, não deve ser confundida com a opinião, pois prima pelo rigor e profundidade em suas argumentações.

Mas essa atividade da razão humana não existiu desde sempre: a Filosofia é um produto da genialidade grega. Vamos aprender um pouco mais sobre sua história?

E no princípio, o Mito

Ninguém precisa ser filósofo para fazer perguntas, concorda? Faz parte de nossa própria natureza esta necessidade de se obter respostas e, se possível, certezas a respeito das coisas e de nós mesmos. Dessa forma, basta pesquisarmos um pouco para encontramos uma série de perguntas fundamentais que acompanham os seres humanos desde sempre.

De onde viemos? Como surgiram todas as coisas? Por que e como acontecem os fenômenos naturais? Qual o sentido de nossa existência?

Nesta seção, iremos acompanhar a passagem do modelo de explicação que chamamos *mítico* ao modelo *racional*, proposto pelos primeiros filósofos. Mas você sabe o que é um Mito?

O Mito, assim como a Filosofia e a Ciência, constitui uma tentativa de se responder àquelas perguntas sobre as quais falamos anteriormente a partir da ação de agentes sobrenaturais. Assim, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heróico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do Mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou uma criatura com habilidades sobre-humanas.

Pois bem, antes do nascimento da Filosofia, a concepção de mundo dos gregos era totalmente ligada ao Mito. Certamente você já deve ter ouvido falar na Mitologia Grega, não é mesmo? Vamos conhecer um pouco sobre ela? Você perceberá que conhecer o modo peculiar dos gregos de entender a si mesmos e ao mundo será de grande ajuda em nossa aula sobre Filosofia.

Muitas Grécias, vários deuses

É importante que desfaçamos, antes de mais nada, a ideia comumente passada de que existia uma única Grécia na antiguidade. Na verdade, existiam muitas Grécias. Divididos em um grande número de poleis (ou Cidades-Estado), seus habitantes compartilhavam poucas coisas além de uma língua em comum. Dependendo da cidade, a mulher era vista como igual ou inferior ao homem. A educação era voltada para a prática política ou militar e o contato com o estrangeiro poderia ser estimulado ou evitado. Cada cidade possuía o seu deus protetor e, ao seu lado, um Mito rememorado pelos seus habitantes e que marcava a sua superioridade sobre os demais. Não havia igualmente uma capital, apesar da superioridade evidente das duas poleis mais famosas do mundo antigo: **Atenas** e **Esparta**.



Saiba Mais

Atenas e Esparta foram as principais Cidades-Estado gregas, e servem como exemplo para nos mostrar que cada *pólis* possuía costumes e visões de mundo bastante diversos. Os Espartanos, de tradição militarista, ficaram conhecidos pela valorização da figura do Guerreiro, enquanto os Atenienses por priorizar a educação de seu povo, tendo transformado Atenas em um grande centro intelectual e no berço da democracia. Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida nas duas Cidades? Acesse os links a seguir:

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Atenas
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta>

Mas então, frente a tantas diferenças, o que une os gregos? Em primeiro lugar, como já dissemos, a existência de uma única língua capaz de produzir um sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, que seja flexível o suficiente para dar conta dessa multiplicidade de vozes.

A língua – não só a grega, lógico – é um importante elemento de coesão cultural. E, no caso grego, nutriu-se das histórias míticas contadas inicialmente pelos poetas e, mais tarde, pelos filósofos. Imagine aprender a ler a partir das histórias contadas por Homero, o grande poeta grego do século VIII a.C.? Devia ser incrível, não concorda? Mas, é importante ressaltar que não se tratavam de textos ao estilo das nossas conhecidas cartilhas, mas livros como a **Ilíada** e a **Odisséia** que retratam, em detalhes, acontecimentos históricos, permeados de seres divinos e lições de moral. O

que isso significa? Simples: o grego, desde pequeno, pensava e sentia e vivia num mundo rodeado de forças sobrenaturais. Dedicava sua vida, a de sua família e cidade aos seus deuses e deusas. Vivia e morria a partir de uma perspectiva mágico-religiosa. O que chamamos de Mito, nos nossos dias, era para os gregos antigos, sua religião.

Ilíada

Poema épico de 15.693 versos, escrito por Homero, que narra a história da Guerra de Tróia (*Iliou*, em grego).

Odisséia

Poema épico de 12.110 versos, atribuído Homero, que conta as aventuras do herói grego Odisseu (ou Ulisses) em seu retorno a Ilha de Ítaca, logo após o desfecho da Guerra de Tróia.

Apesar de não haver uma unidade nas histórias e da própria caracterização de suas divindades, a Mitologia grega assenta as suas bases em fontes como as obras dos poetas Homero e Hesíodo e do filósofo Platão. Era baseada na crença de um panteão de divindades chamadas olimpianas, governadas por Zeus. De modo geral, cada deus representava uma aspecto da realidade. Havia, assim, um deus da guerra (Ares), um dos mares (Poseidão), uma deusa do amor (Afrodite), uma outra protetora dos casamentos (Hera) ou mesmo da sabedoria (Atená).

A própria Terra, o Céu e os Mares eram vistos como entidades dotadas de vontade.

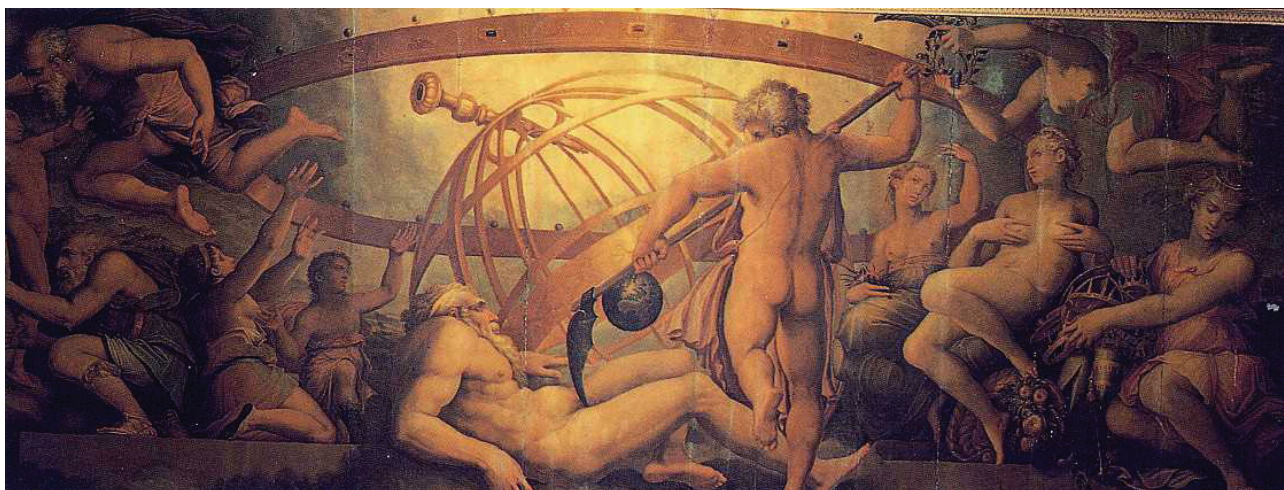


Figura 1: A pintura de Giorgio Vasari and Gherardi Christofano (séc. XVI) retrata a mutilação de Urano (O Céu) por seu filho Cronos (O Tempo). Assim, a partir do estratagema de Gaia (Terra), os Titãs assumem o poder.

A religiosidade grega fazia-se sentir em toda a parte, como por exemplo, nos jogos olímpicos. Você sabia que, na época dos jogos, ficava proibida qualquer hostilidade entre as cidades gregas? Declarar guerra contra outra *pólis* ou mesmo assaltar um atleta a caminho dos jogos seria visto como crime contra os deuses. No mínimo, fascinante!

Por esse motivo, durante muitos anos, os historiadores foram unânimes em apontar o surgimento da Filosofia como produto do que chamaram de o “milagre grego”. Não conseguiam entender como os filósofos puderam romper radicalmente com as explicações míticas que traziam tanto sentido ao mundo grego.



As histórias contadas pelos mitos são de grande importância para que possamos, ainda hoje, compreender a visão de mundo dos gregos. Suas mensagens, embora utilizando-se de seres sobrenaturais, vêm atribuir sentido a um mundo em uma época em que ainda não existiam as explicações científicas ou filosóficas, e traziam lições acerca da moral e da organização da vida em sociedade. Os valores culturais e religiosos expressos através dessas narrativas pretendiam, desse modo, dar conta de um universo fabuloso e cheio de mistérios.

Nem tanto um milagre

Segundo os historiadores, a Filosofia teria surgido pela primeira vez na Grécia, por volta do século VI a.C., na antiga cidade da Ásia Menor chamada Mileto, tendo como protótipo o pensamento de Tales (c. 624/5 a.C.- 556/8 a.C.). Inventor, astrônomo e matemático – você deve lembrar do seu famoso teorema –, Tales é o resultado de toda uma série de fatores que lhe permitiram registrar seu nome na história como sendo o primeiro filósofo.

Antes de mais nada, Mileto era uma cidade que mantinha vínculos comerciais bem estreitos com o Oriente, como com o Egito e cidades do sul da atual Itália. A sua localização geográfica privilegiada permitiu contato com essas culturas e assim o fortalecimento da economia milésia através do comércio, ocorreu juntamente com a troca de conhecimentos e com a inevitável relativização de valores.



Figura 2: O Mundo Grego na antiguidade. A Filosofia surge na periferia. Repare no mapa a localização da cidade de Mileto, antiga colônia da Jônia e as futuras potências mundiais Atenas e Esparta. Adaptação do mapa por Emmanuel Fraga.

A própria religião grega, **politeísta e antropomórfica**, revelava-se mais aberta a novas leituras e manifestações que as posteriores crenças em uma única divindade.

Politeísta (do grego, *poli* = muitos e *teos* = deus)

Crença em várias divindades.

Antropomórfica (do grego *anthropos* = homem e *morphé* = forma)

O que tem a forma, as características do homem.

Aliado a esses fatores, temos aquele que é apontado como o de maior relevância em fazer da Grécia o berço da Filosofia: a invenção da política.

A *pólis* teria surgido, dois séculos antes de Tales nascer, nas comunidades da Ásia Menor. A maioria delas não era verdadeiramente “democrática” como alguns gostam de afirmar, mas a vida em seu interior girava em torno das decisões de instituições que funcionavam como espécies de conselhos e assembleias, ora do povo, ora aristocratas ou dos magistrados. E em que isso ajudaria a Filosofia? Simples: **a prática do diálogo e o estímulo ao exercício da discussão, inerentes ao debate político, criaram as condições ideais para essa nova forma de pensar a realidade que toma como princípio não mais a fé nos deuses, mas a razão humana. Por isso, frequentemente ouvimos que a “Filosofia é filha da pólis”.**

Mas seria um equívoco pensarmos que bastou a Filosofia surgir no século VI a.C. para que os gregos abandonassem as suas crenças. Obviamente, o processo de dessacralização do saber não ocorreu de uma hora para outra, mas foi resultado de um longo processo histórico no qual, aos poucos, foi-se percebendo que as histórias contadas pelos antigos poetas não mais eram suficientes para dar conta do real. Ainda assim, por muito tempo, o Mito coexistiu com pensamento filosófico, mantendo-se presente até mesmo nos escritos de filósofos de renome como Platão (c. 428/7 a.C.-348/7 a.C.).

A predominância da razão (chamada de *logos* pelos gregos) na explicação da realidade que percebemos nos dias de hoje tem sua origem na Filosofia, quando, pela primeira vez, ocorre um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma explicação que parte da observação e do raciocínio.

Em busca de uma definição de Filosofia

Dissemos anteriormente que a tradição conferiu a Tales de Mileto o título de primeiro filósofo da história. No entanto, muito pouco restou de suas ideias. Sabe-se que foi o responsável por inaugurar uma nova forma de pensar, caracterizada pela recusa dos modelos mágico-religiosos tradicionais e pela exaltação da razão como a principal forma de compreensão da realidade.

A palavra Filosofia só apareceu tardiamente com Heráclito de Éfeso (c. 535 a.C.-475 a.C.) ou Pitágoras de Samos (c. 570/10 a.C.-497/6 a.C.) como forma de saber humano caracterizado pela busca incessante de respostas.

Etimologicamente, a palavra Filosofia significa amor ou amizade (*philia*, em grego) à sabedoria. O filósofo, portanto, seria o *amante do saber*, um protótipo de sábio, sempre disposto a apontar problemas e propor soluções às diferentes questões da vida e do mundo.

A despeito das inúmeras definições e matizes que a Filosofia possa ter, parece ser um consenso entre os profissionais que dela se ocupam dizer, à exemplo de Wittgenstein, que “A Filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade”. Atividade esta, de origem grega e de natureza racional, expressa por meio de um posicionamento crítico frente à realidade.

Leia atentamente o texto abaixo e, em seguida, desenvolva um pequeno texto sobre a importância da filosofia nos dias atuais.

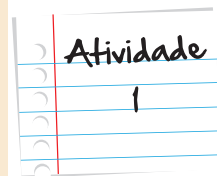


O Valor da Filosofia

O valor da filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do senso comum, das crenças habituais de sua época e do seu país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliares são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (...) de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; ela remove o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar. (RUSSELL, B. Os Problemas da Filosofia, Capítulo XV)



Anote suas respostas em seu caderno



Os problemas da Filosofia

Como vimos anteriormente, a Filosofia constitui, ao mesmo tempo, uma atividade e uma atitude racional de busca do conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, qualquer tema, a princípio, pode ser objeto da reflexão de um filósofo, não é mesmo?

De qualquer forma, basta um estudo mais atento da própria História da Filosofia para percebermos que alguns desses problemas mostram-se recorrentes e, apesar de distintos, nos permitem extrair características em comum. Em outras palavras, os filósofos, de modo geral:

- preocupam-se com a questão da fundamentação das ideias e práticas (as chamadas “condições de possibilidade”);
- acabam por desenvolver um sistema conceitual a partir do qual pretendem explicar determinados fenômenos ou atividades;
- partem de observações críticas sobre os demais pensadores a fim de justificar a sua “solução” aos problemas encontrados.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) disse, pela primeira vez, que a Filosofia deveria se ocupar de três perguntas fundamentais, a saber:

- O que podemos conhecer?
- O que devemos fazer?
- O que nos é permitido esperar?

No entanto, segundo Kant, essas três questões podem – e devem – ser reduzidas a uma outra que questiona sobre *o que é o homem*.

De certa forma, esta é uma maneira bem interessante encontrada pelo filósofo de abordar os campos de investigação filosófica, uma vez que cada uma dessas perguntas representaria uma área específica da própria Filosofia.

Os períodos da Filosofia

A divisão em períodos históricos, como tudo o mais no campo da Filosofia, é palco de grandes polêmicas. No entanto, a fim de deixarmos de lado – pelo menos provisoriamente – esse complicado debate, optamos por apresentar uma versão bastante simplificada a partir da linha do tempo abaixo:

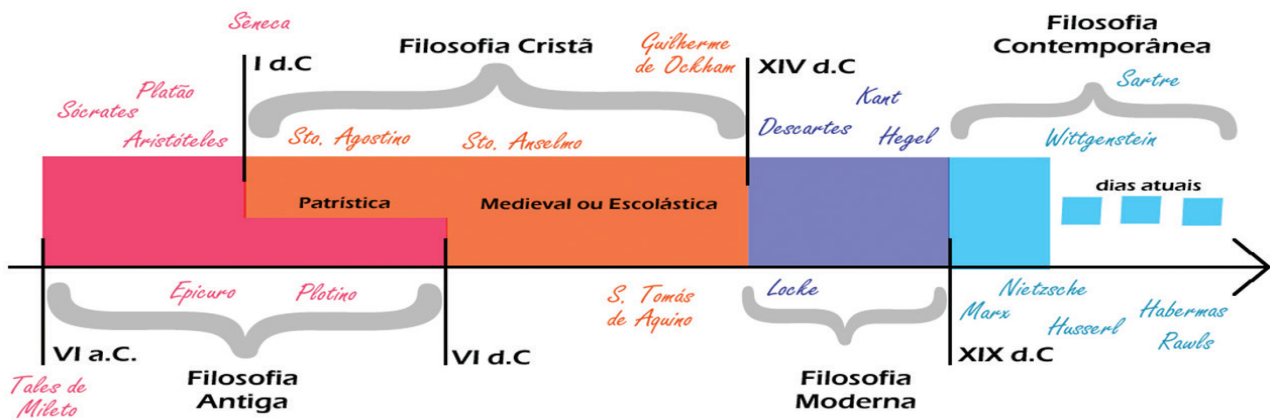


Figura 3: Linha do Tempo – Periodização da história da Filosofia que começa com o pré-socrático Tales, passando por séculos de influência cristã e chegando até os nossos dias com as inúmeras escolas e pensadores contemporâneos.

Assim, para fins didáticos, dividimos a História da Filosofia em:

1) Filosofia Antiga (VI a.C.-VI d.C.): Composta pela escola pré-socrática (de Tales a Empédocles), pelos filósofos chamados “clássicos” (Sócrates, Platão e os Sofistas), pelo período sistemático representado por Aristóteles e, finalmente, pelo período helênico das escolas epicuristas, estoicas, céticas e cínicas tanto gregas quanto romanas.

2) Filosofia Cristã (I d.C.-XIV d.C.): Composta pela Patrística (que abrange desde os primeiros escritos cristãos até a filosofia de Sto. Agostinho de Hipona) e todo o período medieval ou escolástico, cujo principal representante foi S. Tomás de Aquino.

3) Filosofia Moderna (XIV d.C.-XIX d.C.): Iniciada pelos filósofos renascentistas como René Descartes, seguidos pelos Iluministas como Immanuel Kant.

4) Filosofia Contemporânea (a partir do final do séc. XIX d.C.): Marcada pela reflexão dos filósofos como Karl Marx e Friedrich Nietzsche até os dias de hoje.

A Filosofia tem, portanto, quase 27 séculos de história. Uma história fascinante cheia de discussões acaloradas e teorias que pretendem dar conta, senão da totalidade, da maior parte das questões que assolam o espírito humano.

Que tal conhecermos um pouco mais sobre o que pensaram alguns dos personagens responsáveis por tudo isso?

Seção 02

Os primeiros filósofos

A tradição costuma atribuir a expressão “*pré-socráticos*” a todos os pensadores que antecederam o grande filósofo da cidade de Atenas chamado Sócrates (c. 470/69-399 a.C.). Essa anterioridade, em sua grande maioria, é histórica. No entanto, alguns pré-socráticos – como Demócrito de Abdera (c. 460 a.C.-370 a.C.) – parecem ter vivido na mesma época que o filósofo ateniense. De qualquer forma, pode-se afirmar com uma certa convicção que nenhum deles conseguiu alcançar a profundidade e, muito menos, o grau de abstração típico do pensamento socrático.

Nesse sentido, a anterioridade é, sobretudo, filosófica. A maioria desses pensadores fez da questão da origem (*archê*) e da natureza (*physis*) o seu objeto de reflexão, mas, por outro lado, também foram incapazes de romper definitivamente com a estrutura típica do discurso mítico. Veja o exemplo de Parmênides de Eléia. Considerado o “pai” da lógica pela descoberta dos **princípios de identidade e da não contradição**, escreveu todo o seu discurso sob a forma de poemas e dedicou os 32 versos de seu proêmio a uma espécie de hino de exaltação à deusa da justiça e da verdade, *Diké*:



E a deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão
minha mão direita tomou, desta maneira proferiu a palavra e me saudou:
Ó jovem acompanhado por aurigas imortais,
que, com cavalos, te levam ao alcance de nossa morada,
Salve! Porque nenhuma Partida ruim te enviou a trilhar este
caminho, à medida que é um caminho apartado dos homens,
mas sim Norma e Justiça. Mas é preciso que de tudo te
instruas: tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva
quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira.



Saiba Mais

Princípio de identidade e Princípio da não contradição

Mesmo hoje em dia, a lógica sustenta-se a partir de dois grandes princípios ou leis gerais, que têm nos escritos de Parmênides a sua formulação básica. A máxima “o Ser é e o Não Ser não é” afirma a identidade de toda coisa consigo mesma. Por outro lado, o princípio da não contradição já se fazia presente na proposição “ou uma (coisa) é ou não é”. Mais tarde, com Aristóteles e os medievais, acrescentou-se um terceiro princípio chamado do terço excluído que nada mais é do que uma consequência óbvia do segundo, uma vez que nega a existência de um terceiro elemento além da afirmação e da negação.

Apesar de toda a série de dificuldades em se estudar o pensamento pré-socrático – sobre o qual só restaram fragmentos – não podemos descartar a sua importância no desenvolvimento desta atividade tão complexa que é o filosofar.

A fim de facilitar o primeiro contato com esses filósofos, optamos por dividi-los em 3 grandes grupos ou escolas, sabendo, por outro lado, que longe de ser perfeita, esta divisão deixa de lado pontos divergentes de suas teorias a favor de uma pretensa unidade.

Na *escola jônica*, agrupamos os pensadores que elegeram um único elemento como princípio fundante do real. São eles: Tales (A Água), Anaximandro (O Ilimitado), Anaxímenes (O Ar), Heráclito (O Fogo), Xenófanes (A Terra).

Aqueles pertencentes à *escola italiana* de Pitágoras (O Número), Parmênides e seus discípulos Zenão e Melisso (O Ser) desenvolvem teorias bem complexas tomando como base princípios abstratos e que virão, mais à frente, influenciar o pensamento de grandes nomes como Sócrates e Platão.

Por fim, os filósofos *pluralistas* (ou de 2ª fase) que defenderam que a realidade é o resultado de dois ou mais elementos. São eles: Anaxágoras (A multiplicidade e o Espírito), Empédocles (Os 4 elementos) e os atomistas Leucipo e Demócrito.

O período clássico

Chamamos de período clássico da Filosofia, toda a produção intelectual grega compreendida entre os anos de 500 a.C. e 338 a.C. e que tem em Sócrates a sua figura mais importante. Historicamente, os gregos viviam em seu período de apogeu econômico marcado pela disputa entre a democracia ateniense e a oligarquia espartana.

A Filosofia viu em Atenas o espaço ideal para o seu florescimento, mas foi apenas com Platão, principal discípulo de Sócrates, que atingiu o seu ponto mais alto.

Enfim Sócrates

Sócrates foi um ateniense exemplar. Apesar de sua origem humilde (filho de um escultor e de uma parteira), serviu como soldado de infantaria na **Guerra do Peloponeso**, vindo a dedicar-se à Filosofia através dos ensinamentos de Anaxágoras e Arquelaus. Segundo a tradição, Sócrates teria despertado para a sua verdadeira vocação ao ver um parto feito por sua mãe, passando a chamar o seu próprio método de *maieutica* (em grego esse termo significa *dar à luz, parto*). Para ele, a tarefa do filósofo não seria fazer de seus alunos depósitos do conhecimento de seu mestre, mas, ao contrário, permitir o nascimento das ideias já existentes.



Saiba Mais

Guerra do Peloponeso

Conflito armado entre as cidades gregas de Esparta e Atenas e seus aliados, ocorrido entre os anos de 431 a 404 a.C. e que marca o declínio da hegemonia grega no mundo antigo.

Saiba mais em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Peloponeso

Por meio de perguntas sobre os fundamentos das coisas e de sua famosa ironia, Sócrates tornou-se o modelo de filósofo recorrente ainda nos dias de hoje. Eternamente distraído com suas reflexões, possuía uma legião de jovens seguidores que, juntamente com ele, perambulavam pelas ruas da Cidade de Atenas para ouvir as suas preleções sobre ética.



Figura 4: Sócrates filosofando ao ar livre com seus alunos. Pintura de Johann Friedrich Greuter: "Sócrates e seus estudantes".

Diferentemente dos seus antecessores, Sócrates fora capaz de apresentar argumentos consistentes, mesmo que por vezes inconclusivos, sobre uma infinidade de temas, em especial os relacionados à virtude e ao questionamento da natureza humana.

Apesar de não ter deixado nenhum texto escrito, tornou-se célebre por duas passagens registradas por seus alunos Platão e Xenofonte: a ida ao **Oráculo de Delfos** e o processo de seu julgamento.

A sua visita à sacerdotisa (ou Pitonisa) do mais famoso Oráculo daquela época fez de Sócrates o homem mais sábio do mundo. Humilde, aceitou as palavras do deus como reflexo de sua própria consciência diante de suas limitações. **“A verdadeira sabedoria – dizia o filósofo – consiste em se saber que nada se sabe”**. Essa é de uma das máximas mais famosas da história que traz consigo a concepção que identifica a Filosofia não como *posse* e sim como uma *busca* incessante da verdade.



Figura 5: As Ruínas do Templo de Apolo em Delfos/ Pintura de Michelângelo – Síbila Délfica (1509) – Edição de Emmanuel Fraga.

O oráculo de Delfos era um dos mais famosos de toda a Grécia antiga. Diversas figuras importantes para lá se dirigiam a fim de conhecer as enigmáticas previsões do deus Apolo ditas através de sua Pitonisa. Conta a tradição que nas paredes do Templo havia um grande número de provérbios e máximas. Uma delas teria inspirado o próprio Sócrates e sua filosofia: “Conhece-te a ti mesmo!”

Outra passagem famosa de Sócrates aconteceu em tempo de sua condenação. O jovem e desconhecido poeta Meleto apresentou ao tribunal as seguintes acusações contra ele:

1. Não reconhecer os deuses do Estado.
2. Introduzir novas e malignas divindades.

3. Corromper a juventude com as suas ideias.

Apesar de sua articulada defesa, Sócrates, com 70 anos, é condenado à morte, por envenenamento por cicuta, no ano de 399 a.C..

Para Platão, a morte de seu amado professor representou a perda não só para aqueles que tiveram a chance de conhecê-lo, mas para toda a Atenas, uma vez que ele: *"foi o melhor e também o mais sábio e mais justo dos homens."* (Fedon, LXVI)



Figura 6: Jacques-Louis David – A Morte de Sócrates.

Diante de seus discípulos mais próximos, Sócrates encarou a morte com dignidade. Após recusar as diversas propostas de fuga da prisão, manteve a sua ironia ao pronunciar suas últimas palavras: *"Críton, dê um galo ao deus Asclépio – do qual somos todos devedores"*.



Multimídia

Uma excelente dica para quem ficou com vontade de saber mais sobre Sócrates é o filme do diretor italiano Roberto Rossellini, *Socrate* (1971). Durante os seus 120 minutos, você acompanhará todo o processo de julgamento e condenação de um dos filósofos mais famosos de todos os tempos.

Assista na íntegra em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIJSF-V6yBA>

Os Sofistas

Diferentemente dos primeiros filósofos, cujo interesse girava em torno da natureza (*physis*) de questões mais gerais de ordem metafísica, os Sofistas eram mestres das artes do discurso. Enquanto isso, profissionais do ensino cobravam caro pelos serviços prestados à educação dos mais jovens que almejavam ingressar na carreira política.

A aparente despreocupação com a busca da verdade e o fato de serem, em sua maioria, estrangeiros, constituíram os principais motivos que fizeram da escola sofística uma espécie de antagonista das ideias filosóficas, em especial as de Sócrates.

Assim como o filósofo ateniense, os sofistas deixaram pouquíssimos escritos. No entanto, sabe-se que os seus discursos caracterizavam-se por uma espécie de **relativismo** e **convencionalismo**, expressos em sua concepção de linguagem entendida exclusivamente como discurso de convencimento.

Relativismo

Perspectiva filosófica que defende que várias (ou mesmo todas) as perspectivas a cerca da verdade são relativas a sua época e local de produção.

Convencionalismo

Teoria que defende a ideia de que os valores, os costumes e a verdade são frutos de um acordo coletivo.

Entre os sofistas mais famosos afiguravam-se Protágoras de Abdera (481 a.C.-420 a.C.) e Górgias de Leôn-
cio (483 a.C.-376 a.C.). O primeiro ficou célebre pelas implicações de sua máxima: “*O homem é a medida de todas as coisas, das que são que elas são, das que não são que elas não são*”. O segundo pelo seu “*Tratado do Não Ser*” e “*Elogio de Helena*”.

Na polêmica obra “*Tratado do Não Ser*”, Górgias pretendeu desconstruir todos os principais pressupostos metafísicos através de três afirmações categóricas: “nada existe; mesmo se o ser existisse, então seria incognoscível; e se fosse cognoscível, então este conhecimento (do Ser) seria incomunicável”.

Em “*Elogio de Helena*”, o sofista se utiliza de uma outra estratégia. Ao absolver Helena de Tróia – odiada pelo povo grego que, desde sempre, lhe imputou toda a culpa pela guerra – Górgias pretendeu provar que basta uma boa argumentação para que se atinja o convencimento.



Saiba Mais

Muito se discute sobre eles ainda hoje. Eles eram filósofos ou apenas enganadores – à exemplo da opinião de Platão presente em seus muitos diálogos dedicados a esses pensadores.

A filosofia de Platão

Platão (437 a.C.-347 a.C.) foi o mais famoso discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles.

Em sua fase inicial, seus escritos têm na figura de Sócrates o seu principal protagonista e caracterizam-se pela crítica ao conhecimento sensível e pela tentativa de reprodução do pensamento socrático. Mais tarde, Platão – mesmo que a partir dos ensinamentos do mestre – desenvolve as suas três teorias principais, a saber:

- a teoria *das ideias ou formas* (apresentada de modo didático no diálogo “*Fédon*”) que defende a existência de 2 mundos distintos: o sensível e o inteligível;
- a teoria da *linha dividida* (explicitada na obra “*República*”), na qual propõe uma hierarquia entre as diferentes formas de conhecimento e, finalmente;
- a teoria da *reminiscência da alma*, delineado no “*Fedro*”. A partir do Mito da parelha alada, Platão justifica a educação como um processo de relembramento (*anamnese*, em grego), uma vez que, enquanto almas, havíamos contemplado todas as ideias existentes, mas que foram esquecidas no ato da encarnação.

É importante ressaltar que as duas primeiras teorias foram uma espécie de resposta aos problemas deixados pelos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, isto é, o impasse entre o mobilismo universal e o imobilismo. E a última, um recurso à crença pitagórica da **mentempsicose** e ao papel de “parteiro” do educador, defendido por Sócrates.

Mentempsicose (do grego: *metà* = além de, e *psiquê* = alma)

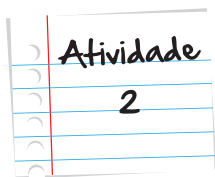
Crença, de origem indiana ou egípcia, na transmigração das almas e sua encarnação em homens, animais ou mesmo vegetais.

O pensamento platônico é considerado um marco na história da Filosofia, tanto pela sua complexidade quanto pela abrangência de temas, e sua influência se fez sentir não somente na Grécia, com a sua Academia, mas durante todos os longos séculos da Filosofia cristã.



Figura 7: Academia platônica: mosaico de Pompeia, agora no Museu Arqueológico Nacional (Nápoles).

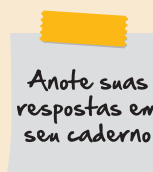
A Academia, fundada por Platão por volta de 387 a.C. em Atenas, é considerada a primeira escola de Filosofia. Seu principal aluno, Aristóteles, ingressou na Academia com apenas 17 anos de idade e lá permaneceu por 20 anos, vindo mais tarde (em 335 a.C.) a fundar a sua própria escola chamada Liceu. Devido à influência pitagórica, a Academia de Platão atribuía uma grande importância ao estudo da Matemática e, em seu pórtico de entrada, havia uma inscrição que dizia: “Que não entre quem não souber Geometria”.



Atividade
2

A fim de superar a posição dos filósofos monistas quanto ao problema do Ser e do movimento, do uno e do múltiplo, Platão constrói sua teoria das ideias. A partir de então, defende a existência de dois mundos, a saber: um que respeita as características do Ser de Parmênides (imobilidade, permanência) e outro que é o palco de mudanças e transformações constantes apontado pelos mobilistas como Heráclito de Éfeso. De acordo com essa teoria, podemos afirmar que:

- a. o mundo das ideias é o mundo verdadeiro, cópia abstrata do mundo concreto;
- b. a conquista do conhecimento e da verdade só é possível através de uma espécie de ascese na qual o homem se liberta do mundo real em direção ao mundo ideal;
- c. o mundo sensível não existe, portanto, não é um problema a ser investigado;
- d. a nossa mente produziu o mundo das ideias, que nada mais são do que conceitos que habitam o nosso intelecto.



Anotar suas
respostas em
seu caderno

Conclusão

Já dizia um ilustre filósofo alemão que *“não se aprende Filosofia e sim a filosofar”*. Por outro lado, sem conhecer um pouco de sua história, esta fascinante arte de admirar-se e refletir sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca poderia parecer ainda mais estranha e desprovida de sentido.

Em razão disso, aprendemos que a Filosofia é, ao mesmo tempo, um produto grego e de todo aquele que, assim como Tales, procura por respostas. E, mesmo tendo entrado em contato com diversas teorias – por vezes contraditórias – percebemos que uma das características dos seus autores é uma certa inquietação em relação a (quase) tudo.

Esse espírito questionador, crítico e curioso estava presente em todos os filósofos que foram abordados nesse primeiro módulo, não é mesmo? E em você? Esperamos sinceramente que sim...

Resumo

Aprendemos em nossa aula que:

- Existem diferentes formas de explicação da realidade, tais como o Mito, a Ciência e a Filosofia.
- Até a época do nascimento da Filosofia, a concepção grega do mundo baseava-se na crença de seres e forças sobrenaturais.
- Entre as condições históricas para o surgimento da Filosofia na Grécia estão a questão cultural e a organização política.
- A Filosofia surge no século VI a.C., na cidade de Mileto, antiga colônia grega da Jônia.
- Tales de Mileto inaugura a Filosofia com a sua máxima “Tudo é água!”
- A Filosofia, antes de mais nada, revela-se como uma espécie de atitude de natureza racional e crítica de busca das origens e fundamentos das coisas.
- Tradicionalmente divide-se a história da Filosofia em 4 grandes períodos ou fases: antiga, cristã, moderna e contemporânea.
- Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos de que temos conhecimento e suas teorias giravam em torno da questão da origem, da natureza, da identidade e da diferença de todas as coisas.
- Sócrates é considerado o mais importante representante do período clássico, ao lado de seu aluno Platão.
- A Filosofia socrática dedicou-se à reflexão sobre a natureza humana, do conhecimento e do ensino da virtude (ética).
- A máxima socrática “só sei que nada sei” foi a fórmula encontrada pelo filósofo a fim de definir a sabedoria como uma forma de reconhecimento de nossas ignorâncias.
- Os sofistas foram mestres das artes do discurso e do convencimento e defendiam, em sua maioria, uma posição contrária a de Sócrates no que diz respeito à busca da verdade.
- Platão foi o principal discípulo de Sócrates e, em seus diálogos, dedicou-se a desenvolver e aprofundar o pensamento de seu professor.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*; introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- BLACKBRUN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Trad. de Desidério Murcho *et all* . Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.
- CORDI, Cassiano, SANTOS, Antônio Raimundo, BÓRIO, Elizabeth Maia *et all*. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2001.
- LAÉRTIUS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília; Editora da UnB, 1988.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- OSBORNE, Richard. *Filosofia para principiantes*. Trad. de Adalgisa Campos da ilva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- PLATÃO. *A República*. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PRÉ-SOCRÁTICOS, Sócrates, Platão e Aristóteles – São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores)
- REZENDE, Antonio (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Imagens

- Figura 1: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/The_Mutiliation_of_Uranus_by_Saturn.jpg
- Figura 2: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Greecemap_EL.png
- Figura 4: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Greuter_Socrates.jpg
- Figura 5: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Sibila_D%C3%A9lfica.jpg e http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Delphi_temple_of_Apollo_dsc06283.jpg
- Figura 6: Fonte: <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/110000543>
- Figura 7: Fonte: <http://mais.uol.com.br/view/xgzjh84w45eg/academia-de-platao-04023772C0895366?types=A&&fullimage=1>

Atividade 01

Resposta pessoal. A argumentação deverá ser clara no seu objetivo de demonstrar, a partir do texto proposto, qual seria o papel da filosofia na atualidade. É importante ressaltar que o autor faz duras críticas ao dogmatismo, ao contrário da resignificação da busca pelo conhecimento promovida pela “incerteza” filosófica.

Atividade 02

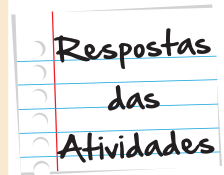
Resposta Correta: B.

A ascese ou dialética ascendente platônica tinha como objetivo o reconhecimento das ideias como fonte única da verdade e do conhecimento. Esse processo de “libertação” da ilusão provocada pelos sentidos é tradicionalmente associado ao Mito da Caverna.

Apesar de considerar o mundo inteligível (das ideias) verdadeiro, Platão jamais defendeu que o mesmo seria uma cópia do mundo concreto como consta na letra A.

Mesmo entendendo as ideias como fundamento do mundo sensível, Platão não foi tão radical a ponto de negar algum nível de realidade às coisas como sugere a resposta C.

Para Platão, as ideias possuem uma existência própria e independente dos conceitos que formulamos em nossas mentes. Por esse motivo, não poderíamos assinalar a letra D como correta.





O que perguntam por aí?

Questão 1 – (UEL 2003)

“Zeus ocupa o trono do universo. Agora o mundo está ordenado. Os deuses disputaram entre si, alguns triunfaram. Tudo o que havia de ruim no céu etéreo foi expulso, ou para a prisão do Tártaro ou para a Terra, entre os mortais. E os homens, o que acontece com eles? Quem são eles?” (VERNANT, Jean-Pierre. O universo, os deuses, os homens. Trad. de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 56.) O texto acima é parte de uma narrativa mítica. Considerando que o Mito pode ser uma forma de conhecimento, assinale a alternativa correta.

- a. A verdade do Mito obedece a critérios empíricos e científicos de comprovação.
- b. O conhecimento mítico segue um rigoroso procedimento lógico-analítico para estabelecer suas verdades.
- c. As explicações míticas constroem-se de maneira argumentativa e autocrítica.
- d. O Mito busca explicações definitivas acerca do homem e do mundo, e sua verdade independe de provas.
- e. A verdade do Mito obedece a regras universais do pensamento racional, tais como a lei de não-contradição.

Gabarito: D

Questão 2 – (UNICAMP 2013)

A sabedoria de Sócrates, filósofo ateniense que viveu no século V a. C., encontra o seu ponto de partida na afirmação “sei que nada sei”, registrada na obra **Apologia de Sócrates**. A frase foi uma resposta aos que afirmavam que ele era o mais sábio dos homens. Após interrogar artesãos, políticos e poetas, Sócrates chegou à conclusão de que ele se diferenciava dos demais por reconhecer a sua própria ignorância.

O “sei que nada sei” é um ponto de partida para a Filosofia, pois:

- a. Aquele que se reconhece como ignorante torna-se mais sábio por querer adquirir conhecimentos.
- b. É um exercício de humildade diante da cultura dos sábios do passado, uma vez que a função da Filosofia era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos.
- c. A dúvida é uma condição para o aprendizado e a Filosofia é o saber que estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos.
- d. É uma forma de declarar ignorância e permanecer distante dos problemas concretos, preocupando-se apenas com causas abstratas.

Gabarito: A

Questão 3 – (UFU 1999- 2ª Fase)

Quais são as principais diferenças entre Filosofia e Mito?

Gabarito:

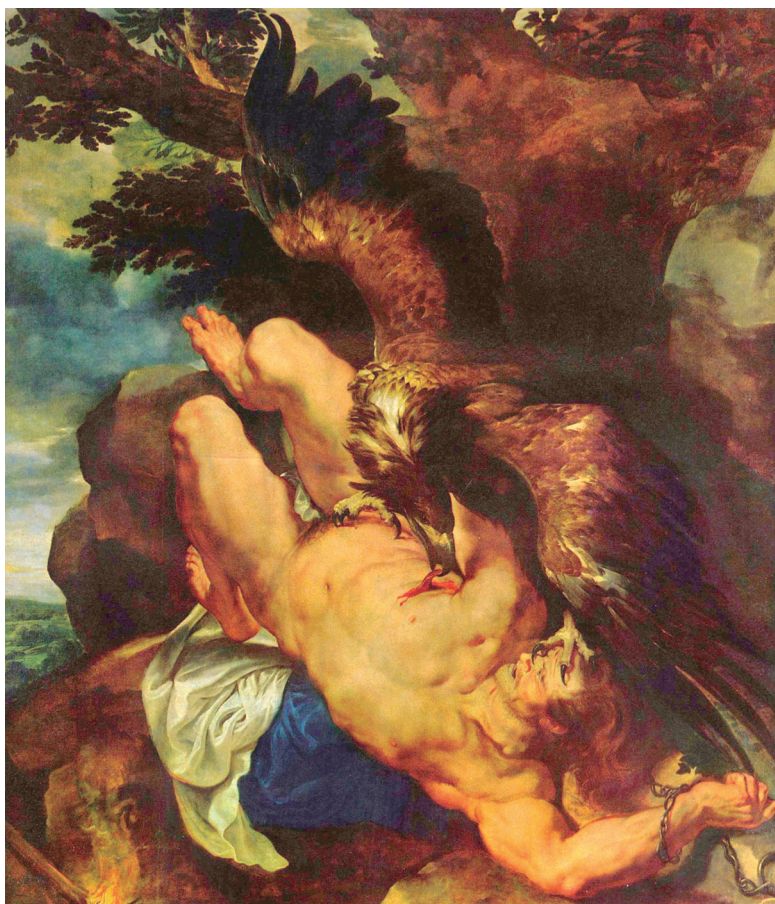
- O Mito não precisa se fundamentar argumentativamente como é necessário no pensamento filosófico;
- A verdade do Mito não pode ser contestada, enquanto a verdade filosófica é construída a partir do debate racional.



Atividade extra

Questão 1

Observe a imagem e, a seguir, responda à questão:



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Peter_Paul_Rubens_032.jpg



A imagem retrata o suplício de Prometeu, um titã defensor da humanidade, conhecido por sua astúcia e inteligência. Na imagem, ele está sendo castigado por haver roubado o fogo de Zeus e dado aos homens. Esta é uma explicação de como a humanidade encontrou e passou a utilizar o fogo.

Como é chamada esta forma de explicar a realidade e qual a sua principal característica?

Questão 2

“Aos olhos do mito, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição, em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heroico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou a uma criatura com habilidades sobre-humanas”.



Fonte: http://farm1.staticflickr.com/39/79050918_b579602cdc_o.jpg

Baseado no texto, podemos afirmar que o mito se constitui como:

- a. uma tentativa de explicar a realidade existente;
- b. a forma de filosofar do povo grego antigo;
- c. uma forma racional de explicar a realidade;
- d. uma explicação falsa sobre a realidade existente.

Questão 3

A Filosofia apresenta-se como um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma exploração, fundada:

- a. em argumentos sofisticados;
- b. na crença em um único Deus;
- c. na observação e no raciocínio;
- d. na existência da realidade.

Questão 4

O sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel afirma que um dos primeiros problemas da Filosofia é o de investigar e estabelecer a sua própria natureza. Talvez a Filosofia seja a única disciplina que se volte para si mesma dessa maneira. No entanto, mais importante do que procurar uma definição para ela, é compreendê-la enquanto uma ATIVIDADE. Com suas palavras, escreva sobre a atividade filosófica e sua importância enquanto reflexão crítica.

Questão 5

Para fins didáticos, a História da Filosofia é dividida em épocas ao longo de seus 27 séculos. Cheia de discussões e teorias, a Filosofia tem como finalidade responder a questões que assolam o espírito humano.

De que questão central ocuparam-se os primeiros filósofos? Dê um exemplo.

Gabarito

Questão 1

Esta forma de explicação da realidade é chamada Mito e sua principal característica é explicar os fenômenos naturais e sociais a partir de seres sobrenaturais.

Questão 2

- A** **B** **C** **D**

Questão 3

- A** **B** **C** **D**

Questão 4

Resposta pessoal.

Questão 5

Os primeiros filósofos tentaram explicar a diversidade e a transitoriedade das coisas do universo, reduzindo tudo a um ou mais princípios elementares, os quais seriam a verdadeira natureza ou ser de todas as coisas.

Como alguns exemplos temos: Tales (A água), Anaximandro (O ilimitado), Anaxímenes (O ar), Heráclito (O fogo), Xenófanes (A terra) etc.